



# REFLEXÕES SOBRE EVANGELIZAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE

*Reginaldo José dos Santos Júnior* (Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Licenciado em Filosofia e Bacharel em Teologia. Professor e Coordenador Acadêmico da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Professor de Filosofia na Faculdade Teológica Batista de São Paulo).

---

## Resumo

Ainda que nem todos aceitem o termo pós-modernidade para se referir ao mundo contemporâneo, todos aceitam que as características sócio-culturais são bem diferentes das vividas há 100 anos. Na denominada época moderna, de um modo geral, havia confiança ilimitada na razão e em sua capacidade em alcançar a verdade absoluta e objetiva, trazendo consigo a idéia de progresso inevitável da humanidade, sobretudo através da ciência. Hoje em dia, essa cosmovisão foi rejeitada e as pessoas passaram a um relativismo epistemológico e ético quase total, gerando uma angústia existencial muito grande. Diante desse quadro, faz-se necessário refletir sobre as possibilidades da evangelização, que para continuar pertinente, sendo relevante e fazendo sentido, precisa ser realizada a partir de novos princípios, que levem em conta as peculiaridades da geração pós-moderna, como ser menos racionalista e mais relacional, em vez de ficar insistindo em concepções anacrônicas que já não encontram mais recepção.

**Palavras-chave:** Modernidade, pós-modernidade, evangelização.

---

## Abstract

### Reflections about the evangelization in the pos-modernism

Although everybody has not accepted the term pos-modernity to refer to the contemporary world, everybody has accepted that the social and cultural characteristics are so different that ones lived 100 years ago. In the modernity age, in general, there was unlimited confidence in the reason and in its capacity to obtain the absolute and objective true. It got the idea of the inevitable human's progress, mainly through the science. Today, this cosmovision has been rejected and the people have assumed almost a total epistemological and ethical relativism. It has been caused a great existencial anguish. In front of this situation, it's necessary to reflect about the possibilities of the evangelism, whom to continue being pertinent, relevant and having meaning, it needs to be realized from news principles, that take in account the pos-modern generation peculiarities, like to be less rationalist and more affective, instead of to insist in anachronics conceptions whose people reception are over.

**Key words:** Modern, pos-modern, evangelism.

---

## Nota introdutória<sup>1</sup>

Tem-se consciência de que o termo pós-modernidade não é unânime. Há quem prefira falar em hipermodernidade (Gilles Lipovetsky), hiper-realidade (Jean Baudrillard) e modernidade líquida (Zygmunt Bauman). Todavia, independente dessas controvérsias conceituais, ou dessa guerra de palavras, como diria Juremir da Silva<sup>2</sup>, parece ser possível afirmar que de um modo geral, há concordância entre os estudiosos da cultura, no que se refere à percepção de que pelo menos os últimos 100 anos, e mais acentuadamente o final do século passado, tem sido caracterizado por cosmovisões e comportamentos bastantes diferentes do período que se convencionou chamar de modernidade, compreendendo os séculos XVI até parte do século XX.

Apesar desses esforços teóricos gerais, de modo irônico, no seminário em Porto Alegre em 2005, Michel Maffesoli dizia que na França havia uma vaidade por parte dos intelectuais sobre não querer falar sobre a pós-modernidade. Ele chamou essa postura de vaidade porque no fundo ela demonstra uma incapacidade para pensar a contemporaneidade, “incapacidade de pensar ‘aquilo que é’ e não ‘aquilo que gostaria que fosse’”.<sup>3</sup> Esse episódio é citado aqui porque algo análogo ao que Maffesoli disse sobre os franceses, parece ser possível dizer sobre as igrejas evangélicas históricas, tradicionais, exemplificadas aqui pelas igrejas batistas tradicionais. Basta para isso mudar alguns termos. No lugar de vaidade, colocar *falta de coragem*, e em vez de pensar, usar o termo *aceitar*. Ou seja, parece haver, de um modo geral, nas igrejas evangélicas tradicionais, *falta de coragem para aceitar aquilo que é a nossa sociedade* e não aquilo que gostaria que ela fosse.

Não se quer com isso negar que a mensagem da igreja seja utópica, o que implica dizer que ela pressupõe um *telos*, um fim. Ou como sugere a própria palavra utopia, um não-lugar. Em termos teológicos, isso está bem assentado através daquilo que foi identificado no século passado como sendo a matriz epistemológica do Novo Testamento, isto é, a escatologia. Escatologia entendida não simplesmente como discussão sobre o fim dos tempos, mas como crença em acontecimentos futuros que faz com que o presente seja sempre entendido como não sendo o que deveria ser. Nesse sentido, a igreja nunca aceitará o mundo como ele é e sempre pregará como ele deveria ser.

---

<sup>1</sup> Texto-base da palestra apresentada na 99ª Assembléia da Convenção Batista do Estado de São Paulo, em 12/07/2007, na cidade de Guarulhos, São Paulo.

<sup>2</sup> SILVA, Juremir. *O fim das palavras e as palavras do fim: neomodernidade, pós-modernidade ou hipermodernidade?* p.19. In, SCHULER, Fernando; SILVA, Juremir Machado (ogs.). *Metamorfoses da cultura contemporânea*.

<sup>3</sup> MAFFESOLI, Michel. *O retorno das emoções sociais*. In, SCHULER, Fernando; SILVA, Juremir Machado (ogs.). *Metamorfoses da cultura contemporânea*, p.27.

Por isso, a crítica que se faz aqui não está endereçada a essa vocação utópica e escatológica da mensagem cristã, mas ao saudosismo que não permite à igreja enxergar o mundo como ele é, sempre achando que ele deveria ser como já foi. Assim é que não é incomum encontrar pastores e líderes eclesiais gastando toda energia e empregando todos os esforços para pura e simplesmente condenar o novo modo de ser da sociedade com base num modelo de mundo que já não existe, mas que se diz que deveria existir, como se fosse possível voltar a história. Nesse caso, a mensagem nada tem de ver com a matriz epistemológica da mensagem cristã, mas sim com o apego a uma sociedade idealizada como se gostaria que ela fosse, com base num modelo de mundo que se conheceu.

Com o que foi dito já se percebe que a palestra procura evitar a linha do saudosismo, por considerá-la contraproducente e deslocada. Além disso, é preciso esclarecer que a apresentação não seguirá o sentido de um curso de evangelização, mas sim o de buscar apresentar as linhas interpretativas mais relevantes sobre o que é a pós-modernidade; descrever como pensa e age, de um modo geral, a chamada geração pós-moderna e especialmente abordar e discutir possíveis métodos, metodologias e abordagens para uma evangelização mais eficaz neste novo contexto cultural. Como não parece muito esclarecedor falar do pós sem primeiro caracterizar o que veio antes, a apresentação se iniciará falando sobre a modernidade.

#### **a) Modernidade**

Mesmo correndo o risco da simplificação, pode-se dizer que o que Deus foi para a idade média, a *razão* foi para a *idade moderna*. Isto é, o *absoluto* que servia de *fundamento* para a visão de mundo e para a estruturação dos valores sociais. O que se convencionou chamar de passagem da cosmovisão teocêntrica para a antropocêntrica, só foi possível porque os modernos substituíram Deus pela razão.

Ironicamente, os germes das características da modernidade foram propagados pela reforma protestante, de quem recebeu, inadvertidamente, uma chancela teológica, sobretudo através de Lutero, para quem a razão era uma prostituta. Até a época da reforma a razão estava tutelada pela Igreja e a salvação era pensada coletivamente. Martinho Lutero, entretanto, por necessidade de legitimar a sua teologia e justificar o rompimento com a Igreja Católica Romana, separou a razão da fé e trouxe a salvação para o plano individual.

A razão liberada das amarras da Igreja logo se voltou contra a própria fé e percebeu que não precisava recorrer a nenhuma revelação especial para pensar o mundo. A razão se tornou o seu próprio deus. Dentro desse movimento, a idéia cristã de salvação através de Cristo foi substituída pela idéia de progresso através da ciência. Immanuel Kant, pensador moderno e um dos mais importantes filósofos de todos os tempos, apregoou a chegada à maioridade. Segundo ele chegara a hora do ser humano se servir do seu próprio entendimento.

Kant, em sua obra *Crítica da Razão Pura*, buscou ver o que era possível a razão conhecer e concluiu que somente o fenômeno pode ser conhecido. Fenômeno entendido como aquilo que de alguma forma pode ser percebido pela experiência sensorial. Para ele, o que não pode ser experimentado pelos sentidos não pode ser conhecido. A isso ele chamou de nùmeno. Como Deus e as realidades espirituais são realidades do nùmeno, então não podem ser conhecidos.

Assim, Kant deu à ciência o estatuto que a legitimava definitivamente em contraposição à teologia, e mesmo frente à filosofia. De um modo geral, tudo que se afirmava só tinha valor se fosse aprovado pela razão, única em condições de decidir sobre a verdade. A razão passou a ser a medida de todas as coisas. Por isso, o próprio Kant se tornou o pensador típico da modernidade, isto é, o sujeito isolado, extremamente racional e confiante no progresso.

Stanley Grenz, em seu livro *pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*, falando sobre o iluminismo, assim caracteriza a cosmovisão moderna:

A perspectiva iluminista supõe que o conhecimento não somente é exato (e, portanto, racional) como também objetivo. A suposição da objetividade faz com que o modernista reivindique o acesso ao conhecimento desapaixonado. Os sábios modernos professam ser mais do que meros participantes condicionados do mundo que observam: declaram-se capazes de vê-lo como observadores imparciais – isto é, contemplam o mundo de uma posição estratégica situada fora do fluxo da história...

Além de supor que o conhecimento é exato e objetivo, os pensadores iluministas supõem também que ele é inerentemente bom. Essa suposição... conduz à crença de que o progresso é inevitável, que a ciência, associada ao poder da educação, acabará por nos libertar de nossa vulnerabilidade à natureza, bem como de toda escravidão social.

O otimismo iluminista, juntamente com o enfoque dado à razão, intensifica a liberdade humana. São suspeitas todas as crenças que pareçam reduzir a autonomia ou que se baseiem em alguma autoridade externa e não na razão (e na experiência). O projeto do iluminismo compreende a liberdade, em grande parte, em termos individuais. Na verdade, o ideal moderno defende

a autonomia do eu, o sujeito autodeterminante que existe fora de qualquer tradição ou comunidade.<sup>4</sup>

Em suma, a modernidade se caracteriza por:

- Confiança ilimitada na razão e na sua capacidade de conhecer objetivamente a realidade, através de métodos que garantam alcançar a verdade absoluta.
- Crença no progresso inevitável da humanidade e no seu domínio sobre a natureza através do conhecimento científico.

## b) Pós-modernidade

Se, como foi afirmado no começo, que a modernidade destronou o Deus da idade média e colocou a razão no seu lugar, pode-se dizer que processo semelhante aconteceu com a própria modernidade. A pós-modernidade destronou a razão moderna, com a diferença de não ter colocado nada no seu lugar. A modernidade removeu Deus como fundamento, e pôs a razão no seu lugar; a pós-modernidade removeu a razão como fundamento, mas não pôs outra coisa no seu lugar. De um modo geral, essa é a *situação pós-moderna: a falta de fundamentos!* Disso advém a chamada angústia existencial pós-moderna. Não é nem o fato de que se chegou ao fundo do poço, mas a constatação de que o poço não tem fundo!

Assim como ironicamente aconteceu com a reforma protestante em relação à modernidade, aconteceu com a modernidade em relação à pós-modernidade: ela trouxe o germe de sua própria destruição. É por isso que alguns autores preferem falar em modernidade tardia. Nessa perspectiva a pós-modernidade é só o desdobramento e complexificação dos pressupostos da modernidade. Segundo essa visão, seria mesmo só uma questão de tempo até a razão solta e soberana se voltar contra si mesma, depois de ter se voltado contra a fé.

Para Lyotard, um dos gurus da pós-modernidade, “considera-se ‘pós-modernidade’ a incredulidade em relação aos meta-relatos.”<sup>5</sup> Essa afirmação considera a pós-modernidade não simplesmente como um período histórico, mas como uma atitude, uma cosmovisão, pois é uma postura de *incredulidade*. Incredulidade nos meta-relatos, ou metanarrativas, termo este que pode significar a aceitação de uma ordem objetiva do mundo estabelecida por algo transcendente fora dele e que pode ser apreensível pela razão e expresso pela linguagem. Metanarrativas são idéias ou discursos cridos e assumidos como fundamento universal que

<sup>4</sup> GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. pp.19-20.

<sup>5</sup> LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. p.15.

estrutura a vida. São Grandes narrativas, que dão sustentação aos projetos humanos. São princípios universais que governam a ação. Noutras palavras, metanarrativa é a crença em entidades criadas pela imaginação humana, mas aceitas como se fossem independentes do humano e que conquanto sejam subjetivas, determinam a vida objetiva das pessoas.

Na verdade, mais que uma incredulidade nos meta-relatos, é mesmo uma rejeição que foi ganhando forças no século XIX e se solidificou no século XX, a partir da mudança na forma de compreender a realidade e a forma como se dá o conhecimento. Entre outros, isso aconteceu pela influência dos chamados filósofos da suspeita (Marx, Nietzsche e Freud) que denunciaram a consciência como mentira e após os escritos de Martin Heidegger, que denunciou a confusão na história do pensamento ocidental entre ser e ente, entre Deus e sua representação, o mundo acadêmico não só passou a desconfiar das metanarrativas, mas resolveu mesmo rejeitá-las.

O que está por traz de toda essa reviravolta é a constatação da falência do projeto da modernidade, da falência da razão. Deus estava morto, mas ainda havia a razão, mas agora ela morreu também. Essa é a condição pós-moderna, o ser humano órfão desesperançado! Perdeu-se o otimismo, chegaram ao fim as grandes ideologias, acabaram-se as utopias! A propósito disso escreve Daniel Salinas:

O otimismo da era moderna, sua confiança em que a ciência, a tecnologia e o progresso, impulsionados por um ser humano autônomo, sob o reinado soberano da Razão, produziram um mundo edêmico, isso decepcionou a todos. A primeira guerra deu um golpe mortal no projeto moderno.

O projeto moderno de estabelecer uma cultura global, com uma base objetiva e racional para toda a ação humana, sem o impedimento da religião ou de qualquer outro ponto de vista 'subjetivo', não científico, demonstrou ser tão somente um ideal inalcançável e insatisfatório.

A esperança de que 'através da razão os seres humanos poderiam entender o cosmos, estabelecer a paz social e melhorar a nossa condição converteu-se um pesadelo... vai deixando uma seqüela de problemas ainda maiores do que os que pretendia resolver.<sup>6</sup>

Numa tentativa de definir essa situação complexa desse momento da humanidade, ainda em contraste com a modernidade, McGrath assim se expressa:

Ao passo que a modernidade era um manifesto de auto-suficiência humana e de autogratificação, o pós-modernismo é uma confissão de modéstia e até de desesperança. *Não há 'verdade'*, há apenas verdades. Não

---

<sup>6</sup> SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. *Pós-modernidade: novos desafios à fé cristã*. p.23-24.

existe a razão suprema, *somente há razões*. Não há uma civilização privilegiada (nem cultura, crença, norma e estilo), *há somente uma multidão de culturas, de crenças, de normas e de estilos*. Não há uma justiça universal, há apenas interesses de grupos. Não existe uma grande narrativa do progresso humano, há apenas *histórias incontáveis*, nas quais as culturas e os povos se encontram hoje. Não existe a realidade simples nem uma grande realidade de um conhecimento universal e objetivo, *existe apenas uma incessante representação de todas as coisas* em função de tudo o mais.<sup>7</sup>

Para facilitar o entendimento, ainda que se corra o risco de simplificação demasiada, segue uma lista em tópicos de características da pós-modernidade.

- Rejeição da metafísica tradicional com suas metanarrativas. Tudo é entendido como criação, projeção e interpretação humana.
- Rejeição da filosofia da linguagem que pressupõe a relação direta entre a palavra e a realidade.
- Aceitação da teoria da linguagem que diz que a linguagem é quem cria a realidade e que, portanto, só há interpretações, nada além disso.
- Aceitação da verdade como construção sócio-cultural relativa. A verdade não pode ser absoluta porque a verdade de um grupo pode não ser a verdade de outro grupo.
- Rejeição da teoria da verdade como correspondência. Isto é, a teoria que afirma que as palavras correspondem diretamente às coisas às quais eles se referem.
- Rejeição da ética deontológica universalista. Ou seja, não há como ter uma norma, padrão ético estabelecido anteriormente que seja válido para todos/as em todos os lugares.
- Preferência pelo sentir, em detrimento do pensar.
- Religiosidade mística e estética.
- Laços grupais afetivos e estéticos, em detrimento dos teóricos.
- Redefinição do sujeito que deixa de ser percebido como autônomo para ser visto como condicionado pela sociedade.
- Prazer com o efêmero, fragmentário, descontínuo, caótico.
- Aceitação do pluralismo e do relativismo geral. Não há absolutos, não há critérios que garantam qualquer objetividade.

### **c) Reflexão sobre as possibilidades de evangelização eficaz na pós-modernidade.**

Antes de qualquer outra coisa, é preciso lembrar que a pós-modernidade não atinge a todos e todas igualmente. Vivemos em tempos históricos diferentes, embora estejamos na

---

<sup>7</sup> MCGRATH, Alister. *A passion for truth: the intellectual coherence of evangelicalismo*. p.180. apud Salinas, op. cit. p.25.

mesma data do calendário ocidental. Há pessoas cujas estruturas de pensamento são tipicamente modernas, e até mesmo pré-modernas. Além do mais, nunca somos uma coisa só. Somos um complexo de tudo o que herdamos da genética e da cultura com o encaminhamento pessoal que damos a essa herança bio-social. Assim, o que se fala aqui são pistas para serem levadas em conta na hora de pensar as estratégias, não uma receita que serve para todos e todas em todos os lugares. O mundo pós-moderno é plural e exige pluralidade de abordagens para ser alcançado pelo evangelho.

Ao invés de lamentar o passado que não volta, parece ser mais efetivo aproveitar as oportunidades que a pós-modernidade oferece, em vez de ir para a trincheira e gastar as forças lutando contra o que de fato não é o inimigo. Mesmo porque independentemente de se gostar ou não da pós-modernidade e suas características, isso não vai impedir a pós-modernidade de acontecer. Os movimentos históricos acontecem conosco ou sem nós. Então, não adianta espernear, ficar com saudosismo, o melhor é achar as fissuras para nelas introduzir o evangelho.

Seguem abaixo algumas possibilidades sobre estratégias e ações de evangelização:

- Identificar o grupo para o qual se está anunciando: não é muito produtivo falar com formados nas áreas das humanas com um discurso absolutista, triunfalista e arrogante, do tipo: está provado que Deus existe. Mesmo porque as provas racionais hoje têm cedido lugar para as crenças. Assim, mesmo que se perceba certa coerência lógica e racional, alguns discursos são rejeitados porque não atingem a condição existencial.
- Lembrar que a nossa tarefa é tirar os entraves que impedem as pessoas de crer. Somos uma espécie de lavradores: nosso trabalho é limpar o terreno para que a lavoura possa ser semeada. Isto é, demonstrar que faz sentido acreditar em Deus e ter uma vida com ele. Todavia, não se deve esquecer que o fazer sentido passa pelo sentido existencial, não simplesmente intelectual.
- Oferecer condições de culto em que a experiência com o sagrado esteja presente. Devemos lembrar que conquanto tenha implicações éticas, o cristianismo não se define pela normatização da vida, mas pelo relacionamento com a pessoa de Cristo. O culto não pode se transformar em aulas nem apelar simplesmente para a razão. O intuito do culto não é simplesmente proporcionar compreensão, mas relacionamento, um estar-diante-de-Deus e com a comunidade de fé.
- Oferecer um sistema simbólico coerente para ordenar a vida das pessoas. Lembrar que enquanto os símbolos que orientam a vida de uma pessoa não estão em crise, essa pessoa não estará disposta a aceitar outros símbolos, mas quando isso acontecer, é a



oportunidade e Cristo deve ser anunciado. Todavia, não insistir ou perder tempo com o fruto verde, colher o fruto maduro.

- Pregador para a pessoa toda, não simplesmente para o intelecto. Mesmo porque o viés pelo qual a pessoa pós-moderna vive a religião não é primariamente racional, mas emocional. Celebração e emoção são partes da vida humana. O cristianismo não pode ser apresentado como algo triste e enfadonho. Não devemos eternizar a tristeza da sexta-feira da paixão, mas a alegria do domingo da ressurreição.
- Permitir que o Deus bíblico tome o lugar do Deus onto-teo-lógico. Por exemplo, no Antigo Testamento Deus não é representado, nem por imagem, nem por conceito. Entretanto, a teologia cristã posterior transformou as metáforas sobre Deus em definições sobre Deus. A teologia veterotestamentária não tinha a pretensão de achar que conhecia racionalmente a Deus. Tinha humildade em reconhecer Deus como incognoscível.
- Ter um discurso coerente com a prática. As pessoas pós-modernas estão dispostas a aceitar quase tudo devido sua ênfase no pluralismo e na relatividade, mas continuam não aceitando a incoerência daqueles que se definem de um jeito e vivem de outro. O testemunho sincero, sem farisaísmo, sem falsa santidade e o desenvolvimento de relações humanas verdadeiras são eficazes sempre. Os cristãos são o quinto evangelho, na prática mais “lido” que os outros quatro. A questão é: o que é lido em nós!
- Ao evangelizar, não passar a impressão de superioridade. Isso não quer dizer que não se acredita que o cristianismo possa ser a melhor resposta. Quer dizer que você não se porta como o único dono infalível da verdade. Isso cria barreiras e resistência, dificultando a pessoa de aceitar o que você anuncia.

Seguem as sugestões de Grenz sobre como evangelizar na pós-modernidade. Para ele é preciso viver “o evangelho de modo *pós-individualista, pós-racionalista, pós-dualista e pós-noeticêntrico.*”

[Pós-individualista] Tendo por foco a comunidade, o mundo pós-moderno nos estimula a reconhecer a importância da comunidade de fé em nossos esforços evangelísticos. Os membros da nova geração, geralmente, não se impressionam com nossas apresentações verbais do evangelho. O que desejam ver são pessoas que vivenciam o evangelho em relacionamentos integrais, autênticos e terapêuticos. Centrando-se no exemplo de Jesus e dos apóstolos, o evangelho cristão da era pós-moderna convidará outras pessoas a participarem da comunidade daqueles cujo alvo de lealdade maior é o Deus revelado em Cristo.

[Pós-racionalista] Isso significa que não podemos simplesmente comprimir a verdade nas categorias de certeza racional que são típicas da modernidade. Em vez disso, ao entender e expressar a fé cristã, temos de dar espaço para o conceito de “mistério” – não como complemento irracional ao

racional, mas como algo que nos lembra que a realidade fundamental de Deus transcende a racionalidade humana.

[Pós-dualista] O projeto iluminista ergueu-se com base na divisão da realidade em “mente” e “matéria”... Os cristãos impregnados da perspectiva do iluminismo freqüentemente dão expressão a um evangelho dualista. Sua preocupação principal, senão única, consiste em salvar “almas”. Se, porém, vamos ministrar no contexto pós-moderno, devemos estar cientes de que a nova geração está cada vez mais interessada na pessoa humana como um todo.

[Pós-noeticêntrico] O evangelho cristão pós-noeticêntrico ressalta a relevância da fé em todas as dimensões da vida. Ela não permite de forma alguma que o comprometimento com Cristo estacione simplesmente num esforço intelectual, deixando que se transforme unicamente num assentimento a proposições ortodoxas. O comprometimento com Cristo deve também achar guarida no coração. Na verdade, o mundo pós-moderno dá-nos ocasião para que nos reapoderemos da velha crença pietista segundo a qual uma cabeça boa não tem valor se o coração também não for bom.<sup>8</sup>

Apesar desses possíveis métodos e metodologias, o que mais deve ser ressaltado quanto à evangelização na pós-modernidade, é o fato de que é determinante a criatividade e a pluralidade de ações. A questão é que para muitos parece que todas as respostas teológicas possíveis já foram dadas, que todos os métodos e estratégias já foram tentados, que por isso, nada tem que ser mudado, apenas insistir nos já consagrados modelos. Porém, é preciso ressaltar que a diversidade social pós-moderna demanda a pluralidade evangelizadora. É preciso diversificar as estratégias, as ações. É necessário investir em tipos de ministérios diferentes, em formas novas de abordagens. É indispensável lembrar que o que dá certo num lugar, pode não dar no outro. A pós-modernidade é um desafio à nossa criatividade e coragem para continuar a evangelização de modo relevante de tal modo que mais pessoas se tornem discípulos de Cristo, como sempre ocorreu na história da igreja e da teologia.

---

### **Bibliografia introdutória sugerida**

- BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. Trad. João R. Costa. São Paulo: Paulus, 1997. 285p.
- BODEI, Remo. *A filosofia do século XX*. Trad. Modesto Florezano. Bauru: Edusc, 2000. 288p.
- CASTELLI, Elizabeth A. (org.). *A Bíblia pós-moderna*. Trad. Bárbara T. Lambert. São Paulo: Loyola, 2000. 383p.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. 3.ed. Trad. Adail U. Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993. 229p.
- GONDIM, Ricardo. *Fim de milênio: os perigos e desafios da pós-modernidade na igreja*. São Paulo: Abba Press, 1996. 160p.
- GRENZ, Stanley. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. Trad. Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 1997. 250p.

---

<sup>8</sup> GRENZ, Stanley. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. p.242.

- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. Trad. Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995. 493p.
- ROLDÁN, Alberto F. *Para que serve a teologia? Método, história, pós-modernidade*. 2.ed. Trad. Hans U. Fuchs. Curitiba: Descoberta, 2004. 216p.
- SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. *Pós-modernidade: novos desafios à fé cristã*. 2.ed. São Paulo: ABU, 2002. 100p.
- SCHULER, Fernando; SILVA, Juremir Machado (ogs.). *Metamorfoses da cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2006. 176p.
- TEIXEIRA, Eviliázio. *Aventura Pós-moderna e sua sombra*. São Paulo: Paulus, 2005.
- TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003. 496p.